

# A CRISE EUROPEIA

Para bem compreendermos a significação social e histórica do esquizoide e do cicloide devemos passar, como se diz em matemática, ao limite. No limite encontramos os dois polos extremos das tendências humanas, o Subjectivismo e o Objectivismo, o Ideal e o Real, o Imaginário e o Real, a Poesia e a Prosa, a Intolerância e a Condescendência, o Eu dominador e o Eu que se dilue no mundo, a Metafísica e a Ciência, o Sarcasmo e a Bonhomia, a Mística e o Real, a Lógica formal e a Experiência, o Abstracto puro e o Empirismo-lógico.— Isto é, o grande claro-escuro do Homem Integral manifestado.

No binário Homem-Cosmos o esquizoide pesa à esquerda, do lado Homem (o Eu), e o cicloide pesa no centro, no equilíbrio do Homem com o Cosmos:—e isto manifesta-se nas artes, na literatura, na filosofia, na Ciência, na vida moral e social. O Homem integral, abstracto, histórico, é a síntese e a harmonia realizada destas duas tendências, a resultante do seu choque e conflito, como na orquestra a curva sinfónica resulta dos instrumentos mais diversos em conflito.

Se passarmos do limite aos pontos intermediários encontramos uma infinda e complexa seriação de factos que é impossível seguir e enumerar neste esquema condensado.

A acção histórica de um Napoleão—cicloide—; de um Frederico o Grande,—esquizoide-cicloide; de um Robespierre—esquizoide; de um Mirabeau—cicloide—; e outros inúmeros exemplos típicos, pode concretizar aos olhos do leitor o quadro em excesso condensado que acabo de traçar. Mas isso poderá o leitor fazê-lo por si próprio, consultando as obras de psico-somática, em particular os capítulos de Kretschmer sobre a caracterologia dos políticos e meneurs, e dos agitadores sociais (Kretschmer, Structure du corps et du caractère, pag. 234, Les Chefs et les Héros).

Kretschmer divide os «meneurs-ciclotímicos» nos seguintes grupos:

- |                |   |
|----------------|---|
| CICLOTÍMICOS   | 1.º Os quebra-cabeças populares, os grandes temerários e os empreendedores ousados. |
|                | 2.º Os organizadores de grande estilo.  |
|                | 3.º Os políticos flexíveis, mediadores conciliantes.                                |
| ESQUIZOTÍMICOS | 1.º Idealistas e moralistas puros.  |
|                | 2.º Despotas e fanáticos.   |
|                | 3.º Calculadores frios.   |

Nestes quadros podem incluir-se caracterologicamente todos os meneurs, chefes e heróis, todos os políticos, tão profunda e firmemente traçados por Kretschmer, com a precisão cortante, e no entanto definitiva, dum Holbein; elementos que podem completar, concretizando-o, o esquema acima traçado. O meu fim foi apenas mostrar como a inclusão da psico-somática nos problemas históricos e sociais vem iluminar singularmente muitos dos seus problemas fundamentais: os historiadores e sociólogos, não poderão ignorar doravante esses dados, nem dei-

## 1—Esquisso de uma teoria bio-mecânica da história (resumo)

### IV—O conflito das classes biológicas

por ABEL SALAZAR

... xar de os integrar nos seus estudos e concepções.

Sendo, porém, assim, dirá o leitor, não nos resta outra coisa que não seja o tomarmos a nossa ficha psico-somática e entrarmos na fila; a sociedade é um esquadrão de manobras, onde todos têm o seu lugar marcado, e a sua actuação definida:—é a mecanização da vida social, a marcha em passo de parada, ou à vontade, sob o comando da Determinação...

—E isto oprime, humilha, faz de mim um «pantão», e das massas uma coorte, e da História uma roda de moínho...

—Sim, mas eleva-nos à consciência das coisas, fazendo-nos pairar acima delas. Quando o conhecimento mecaniza o homem e a história, eleva-o ao mesmo tempo à superior consciência dessa mecânica e dessa história, põe por assim dizer o homem superior ao homem, a história superior à história:—e a «marionette» que tivesse consciência do seu destino seria «marionette» sem o ser.

Por outro lado esta consciência conduz o homem a uma mais completa e compreensiva tolerância do próprio homem, da sua maneira de ser, o que é condição fundamental da vida social, base do verdadeiro progresso social:—enquanto os imperativos categóricos, as esquematizações abstractas, as ideologias doutrinaárias, artificiais, intolerantes, pela sua incompreensão da complexidade da vida, e suas limitações, rápido se transformam em tirania esquizoide, que oprime e torna cego o homem, feroz e cruel, de uma tanto mais terrível crueldade quanto ela se exerce em nome de princípios, sistemas, doutrinas e ideologias que têm a pretensão de fazer o homem feliz; elas conduzem-nos aos «monstros por humanitarismo», como diz Kretschmer, ao fanatismo das salvaçãoes, que, opondo-se à vida, esmagando-a, tudo põem a ferro e fogo, tudo empestam de ódios e de sangue.

O esquizoide humanitarista à Robespierre é uma das piores catástrofes a que esta tendência pode conduzir. «Cão sangulnário»?

«Mas não, diz Kretschmer, discípulo de Rousseau e da terna natureza, Robespierre, o apaixonado, o tímido, o doce, fantasma virtuoso e pálido, mestre-escola monstruoso, é impassível pelo que há de monstruoso nele. Absorve-se na leitura do «Contracto Social», seu livro favorito, que materializa na realidade, com um cuidado pedantêsco. É insensível a tudo o que perpetra. Conti-

nua a decapitar com um sentimento de justiça incorruptível. Só pensa em virtude e ideal. Compõe versos como os de Hödelin e deita lágrimas de ternura, ao falar: burguesamente modesto, visinho doce e cheio de tacto, nada teme mais que as ovações ruidosas e as damas... é o assassino virtuoso, o «monstro humano por humanidade», «fanático da reflexão fria e no entanto louca».

Calvino, Savonarola, são monstros do mesmo tipo, «monstros humanos por humanidade»:—e estes monstros esquizotímicos são uma necessidade histórica: por essa razão o homem tem de se esforçar em elevar a história acima de tais monstruosidades.

«A necessidade social e dinâmica da esquizotímia fanática, monstruosa, é um dos males capitais da Humanidade»: contra um mal desta ordem se devem erguer todos os esforços. E estes não podem operar senão tendo como base uma mais elevada e completa consciência que o homem tenha de si próprio, e a humanidade de si mesma, e da sua história. Só pelo «conhecimento», o homem-máquina e a História-máquina, se podem erguer acima desse maquinismo, dessa luta cega e fatal de conflitos. Acima deles erguer-se, não é, certamente, suprimi-los, mas a condição essencial não já para os vencer, mas para os diminuir nos limites do possível, isto é, das condições impostas pela vida. É necessário pensar que se o Mal é condição da Vida não poderia ser suprimido, mas apenas servir de ponte de apoio para caminhar no sentido do Bem.

Desta forma a Psico-Somática contém em si um capital elemento moral, como elemento essencial que permite ao homem pairar sobre o próprio determinismo da sua actuação; pode conduzi-lo a uma mais profunda compreensão da vida social, e assim do homem, com suas qualidades e defeitos, singularidades, paradoxos e miragens. E esta «tolerância compreensiva» é o melhor dos calmantes sociais, nas crises de exaspero em que o homem alucinado vê contra si próprio virar-se o destino em oposição catastrófica.

Todos aqueles que, em desvalhada cegueira esquizotímica—poetas, metafísicos e místicos—combatem esta «compreensão», e conduzem ou tentam conduzir a humanidade em bloco atrás dos estandartes das misticas heróicas, românticas, patéticas, deslocando o mundo social da compreensão benévola para um estatismo esquizoide fanático e sistemático, abstracto, formal, parecem não compreender que a arrastam com tais

sugestões do polo de tolerância para o polo da intolerância, e assim para todas as catástrofes que sempre dela resultam; parecem não compreender que a ética, seja qual for, apenas muda de forma na história, sem avanço visível:—e que apenas progride moralmente o homem quando se ergue a uma mais perfeita compreensão de si próprio.

A metafísica, a poesia e as religiões, que em momentos de crise aguda sempre é costume propôr em forma de múltiplos elixires à perplexidade e à angústia do homem, são pelo contrário, em tais momentos para a humanidade, verdadeiros «tóxicos esquizoide» quando se deslocam do puro campo estético para vir exercer uma acção social no homem. Conduzem apenas a uma espécie de imenso nevoeiro, a um Nirvana confuso onde tudo se precipita em agitação epiléptica, e de onde tudo sairá a seguir, tanto mais alquebrado e desiludido, quanto mais brilhante for a Miragem que a poesia e ntou, ou a religião professou:—o que fatalmente conduz à catástrofe neurasténica de grandes desilusões.

Leitor: eu detesto os poetas e os artistas, os metafísicos e os místicos, os heróis e os chefes, quando eles se põem a filosofar:—porque a sua filosofia é sempre, forçosamente, esquizoide, e do pior esquizoide, e portanto catastrófica. Toda a história me confirma neste ódio, todo o Inferno humano me conduz a este ódio. Porque, ao contrário do que o seu esquizoide alucinado lhes faz supôr, a esses «estetas» em delírio esquizotímico, poetas, metafísicos e místicos, não é em tais miragens e ideologias tóxicas que consiste a moral histórica—real, e única possível—mas precisamente numa cada vez mais perfeita e profunda compreensão do Homem e da História.

A revolta de Nietzsche, e de todos os nietzschianos, é precisamente—exclusivamente—uma revolta do esquizoide exasperado, contra esta compreensão. Um Nietzsche e um Robespierre, como ainda Calvino e análogos, são «monstros humanos por humanidade», os piores dos monstros, porque são a Miragem ou do Bem, ou do Amor, ou da Virtude ou qualquer outra:—pelos quais, em harmonia com os imperativos categóricos de esquizotímia, eles são capazes de sacrificar essa própria Humanidade que se propõem salvar.

É prosaico, talvez, tudo isto; mas prefere o homem a esta «prosa», o afundar-se no espasmo alucinado do esquizoide, para se empastar mais uma vez com ele num pântano de sangue? Prefere os delírios esquizoide distilando veneno—embora colorido de poesia e de estetismo, de heroísmo e de pathos—à chateza humilhante da compreensão que o conduz à tolerância, e ao «ceticismo complacente»?

Herói, ou Vagabundo; Cristal, ou então lódo:—eis o dilema esquizoide, fatal, necessário, que está no horizonte do caminho esquizoide: Amor, ou Sangue; Virtude, ou Morte; eis

(Continúa na página quinze)